

O Brasil na América Latina: reflexões sobre a construção da identidade(s) latino-americana.

Aline Santos Silva, Gilca Garcia De Oliveira y Gabriela De Freitas Oliveira.

Cita:

Aline Santos Silva, Gilca Garcia De Oliveira y Gabriela De Freitas Oliveira (2017). *O Brasil na América Latina: reflexões sobre a construção da identidade(s) latino-americana*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2477>

O BRASIL NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) LATINO-AMERICANA(S)

Aline Santos Silva
linesantos21@hotmail.com
UFBA
Brasil

Gabriela de Freitas Oliveira
gabrielafofoliveira19@gmail.com
UFBA
Brasil

Gilca Garcia de Oliveira
ggo@ufba.com
UFBA
Brasil

RESUMO

Geograficamente, é evidente que o Brasil faz parte da América Latina, porém quando se está no âmbito da análise da identidade latino-americana percebe-se o distanciamento entre o Brasil e os países hispano-americanos. Percebe-se a relutância da sociedade brasileira em assumir uma identidade(s) latino-americana. Esta dificuldade é histórica e está ligada tanto ao seu período colonial – que, diferentemente dos outros países do subcontinente, passou por uma colonização lusitana, marcada pela extração de produtos primários e pela escravidão africana – e pós-colonial quanto a denominação do território como América Latina. O batismo da região com este nome, América Latina, sucumbiu denominações dadas pelos povos originários, uma forma de silenciar a antiguidade do lugar. Para Celso Furtado, esta designação tinha apenas um sentido espacial, sem uma preocupação com as semelhanças e diferenças entre os países; enquanto para Anibal Quijano, esta denominação é uma forma de colonialidade do poder. O Brasil sempre mostrou dificuldade em conectar-se a seus vizinhos, seja pela diferença do regime colonial implantado ou pelas preferências nas relações políticas e econômicas. Segundo Darcy Ribeiro, apesar da unidade geográfica, as distintas implantações coloniais, das quais nasceram as sociedades latino-americanas, coexistiram sem conviver e este “perto-longe” aconteceu por séculos. A construção de uma identidade latino-americana por parte dos brasileiros, que neste estudo será tratada como um “sentimento de pertencimento”, possui suas dificuldades enraizadas na história de formação deste subcontinente, assim como, nas decisões político-econômicas atuais. Uma ideia que está além da integração da infraestrutura ou da economia destes países, que leva em consideração as similitudes por detrás das realidades históricas e culturais de cada país da América Latina. Destarte, a investigação dessa deste sentimento, com a problematização do conceito “América Latina” e da construção de uma identidade(s) latino-americana, é o objetivo deste artigo. Busca-se identificar as semelhanças entre os países do subcontinente que são ignorados pela sociedade brasileira e os aspectos que ajudam na manutenção deste contexto. No intuito de cumprir o objetivo proposto, este estudo utilizará as contribuições de Porto-Gonçalves e Quental, Héctor Bruit, Enrique Dussel, Darcy Ribeiro, Símon Bolívar, Celso Furtado, entre outros autores.

ABSTRACT

Geographically, it is evident that Brazil is part of Latin America, but when one is in the scope of the analysis of the Latin American identity one can perceive the distance between Brazil and the Hispanic American countries. The Brazilian society is reluctant to assume a Latin American identity (s). This difficulty is historical and is linked both to its colonial period - which, unlike the other countries of the subcontinent, passed through a Lusitanian colonization, marked by the extraction of primary products and by African slavery - and postcolonial as the denomination of the territory as America Latina. The baptism of the region with this name, Latin America, succumbed to denominations given by the original peoples, a way of silencing the antiquity of the place. For Celso Furtado, this designation had only a spatial meaning, without a concern for similarities and differences between countries; while for Anibal Quijano, this denomination is a form of coloniality of the power. Brazil has always found it difficult to connect with its neighbors, either by the difference of the colonial regime implanted or by the preferences in the political and economic relations. According to Darcy Ribeiro, despite the geographical unity, the different colonial settlements, from which Latin American societies were born, coexisted without socializing and this "near-far" happened for centuries. The construction of a Latin American identity on the

part of the Brazilians, which in this study will be treated as a "feeling of belonging", has its difficulties rooted in the history of formation of this subcontinent, as well as in the current political-economic decisions. An idea that is beyond the integration of the infrastructure or economy of these countries, which takes into account the similarities behind the historical and cultural realities of each Latin American country. Therefore, the objective of this article is to investigate this feeling, with the problematization of the concept "Latin America" and the construction of a Latin American identity (s). It seeks to identify the similarities between the countries of the subcontinent that are ignored by the Brazilian society and the aspects that help in the maintenance of this context. In order to fulfill the proposed objective, this study will use the contributions of Porto-Gonçalves and Quental, Héctor Bruit, Enrique Dussel, Darcy Ribeiro, Símon Bolívar and Celso Furtado among other authors.

Palavras-chave: Brasil; América Latina; identidade.

Keywords: Brazil; Latin America; identity.

I. Introdução

Geograficamente, é evidente que o Brasil faz parte da América Latina, porém quando se está no âmbito da construção de identidade(s) latino-americana(s) percebe-se um distanciamento entre o Brasil, de colonização portuguesa, e os países de colonização hispânica do que dentre os países desta colonização. Este distanciamento se deve em parte pela própria evolução histórica do país que, diferentemente dos outros países do subcontinente, passou por uma colonização lusitana marcada fortemente pela escravidão africana. Outro fator que pode ser apontado como determinante desta separação é seu fascínio pela Europa, pela civilização do Velho Mundo, não apenas pela Europa, mas também pelos Estados Unidos (o que não o difere tanto dos demais países da região). O Brasil é um país de grandes dimensões e “voltado para fora”, fato que dificulta um sentimento de pertencimento dos brasileiros à América Latina.

A América Latina foi composta por uma diversidade de povos e, desta forma, por múltiplas referências culturais. Esta característica não pode ser omitida no discurso entre as similitudes e dissimilitudes entre o Brasil e os demais países latino-americanos. Dentre as semelhanças podemos mencionar os três séculos de colonização ibérica; as intervenções inglesas e francesas no século XIX; além do intervencionismo estadunidense desde meados no século XIX (Dorella, 2010). Assim, conseqüentemente, notamos que nesse espaço geográfico denominado como América

Latina, vale ressaltar que nem sempre foi assim denominado, é composto por uma miscigenação cultural, com uma produção intelectual em sua maior parte eurocêntrica e com a estruturação de nações dependentes.

As diferenças também não são poucas e possuem forte significância na construção de uma identidade. A disparidade mais enfatizada diz respeito à colonização espanhola e à portuguesa que provocou contrastes na formação econômica e social entre os países. O pós-independência também é divergente entre o Brasil e os de colonização hispânica, visto que no primeiro manteve-se uma unidade territorial enquanto nos demais houve conflitos que fragmentaram o território. Além do fato de que no Brasil o próprio herdeiro da coroa portuguesa quem irá liderar o ato “heróico da proclamação da independência”.

No intuito de investigar as origens desse obstáculo, este artigo discute: o processo histórico de formação do que foi denominado como América Latina e o significado desta designação, com a contribuição de autores como Darcy Ribeiro, Porto-Gonçalves, Quental e Bruit. A construção de identidade(s) latino-americana(s), arrazoando acerca do conceito de identidade, aportado nas ideias de Símon Bolívar, Leopoldo Zea, Arturo Ardao, Luciano dos Santos, entre outros. Após abordar os conceitos de América Latina e identidade, os motivos para a dificuldade de se contruir uma identidade latino-americana entre os brasileiros, este tópico traz as colaborações de autores como Leslie Bethell e Luís Cláudio Villafañe.

II. Problematização da expressão América Latina

Pode-se começar levantado a mesma questão que alimentou diversos ensaios de Darcy Ribeiro (1922-1997), um dos principais pensadores brasileiros no estudo sobre o subcontinente latino-americano: “A América Latina existe?”. Este questionamento vem da percepção das diferenças entre os países que a compõem. Darcy Ribeiro pensava o Brasil dentro da América Latina, dentro de um contexto de integração regional. Cabia a nós, latino-americanos, defendermos nossa identidade (Ribeiro & Nepomuceno, 2010).

O próprio autor responde à sua indagação: “não existe dúvida de que a América Latina existe” (Ribeiro & Nepomuceno, 2010, p. 23). No plano espacial, sua vastidão continental e unidade é notória, mas apresenta singularidades que por muitas vezes dificultam uma unidade além deste plano. Assim,

[...] a unidade geográfica jamais funcionou aqui como fator de unificação porque as distintas implantações coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver, ao longo de séculos (Ribeiro & Nepomuceno, 2010, p. 23).

O pensador peruano, Luís Alberto Sánchez, também respondeu a tal questionamento em 1945, em sua obra “Existe América Latina?”. Segundo Sánchez essa resposta é positiva, mas essa existência é ambígua visto que ela está estabelecida em um elemento estranho à maioria da população, isto é, a latinidade (Bruit, 200). Para Porto-Gonçalves e Quental (2012), a latinidade é uma designação de pertencimento e autodeterminação.

Considerando que aqui já havia uma população podemos afirmar que também existiam denominações para o que mais tarde foi batizado de América Latina, Abya-Yala, Tawantinsuyu e Anahuac são alguns exemplos. Ou seja, nem sempre foi América Latina, este conceito específico da cosmologia cristã, “[...] uma construção semântica com implicações políticas, econômicas, epistêmicas e éticas que surgiu e se impôs em detrimento de conceitualizações e denominações originárias deste mesmo continente” (Porto-Gonçalves & Quental, 2012). Bruit (2000, p. 2) conclui que “o nome de América Latina, independentemente das razões ideológicas e políticas que envolveram seu nascimento, veio para rebatizar um continente que tinha perdido seu nome originário”.

Até 1492, a América não estava presente em nenhum mapa. A cosmologia cristã dividia o mundo em apenas três continentes: Ásia, Europa e África. Já havia por detrás dessa representação tripartida uma categorização e hierarquização dos povos a partir do continente em que estavam situados. E assim, o conceito de América surge, doravante como um espectro de mundo provinciano e particular, específico à cosmologia cristã (Porto-Gonçalves & Quental, 2012).

O termo América foi herdado de uma homenagem a Américo Vespúcio, comerciante e navegador italiano que escreveu sobre as terras encontradas por Cristóvão Colombo. Segundo Mignolo (2003;

2007 *apud* Porto-Gonçalves & Quental, 2012), esta homenagem foi feita por um cosmógrafo francês, Martin Waldseemüller, em 1507. Esta denominação, como já citamos anteriormente, sucumbiu outras que os povos originários davam à terra “descoberta”, silenciando a sua contemporaneidade histórica, concebendo o espaço em termos apenas temporais (Dussel, 1993). Apesar de ser batizada como América, muitos europeus e a elite colonial espanhola, por séculos, ainda a designavam como “Novo Mundo”. Entretanto, nas lutas de independência, sentiu-se a necessidade de diferenciar-se dos inimigos europeus, aceitando a expressão América (Farret & Pinto, 2011).

A denominação “Latina” é atribuída aos franceses, derivada de latinidade, uma forma de rivalizar com a Inglaterra e a Alemanha, eram os católicos (latinos) contra os protestantes (anglo-saxônicos) e esta rivalidade transferiu-se para a América. Para Mignolo, pensador argentino conhecido por seus estudos em torno da questão colonial e geopolítica do conhecimento, o título de “latina” foi introduzido pelos intelectuais franceses como forma de delimitar as fronteiras entre anglo-saxões e latinos, tanto na Europa quanto na América (Porto-Gonçalves & Quental, 2012).

Contudo, o conceito de América Latina, propriamente dito, foi cunhado primeiramente pelo jornalista e poeta colombiano, José Maria Torres de Caicedo, que passou a maior parte da sua vida vivendo na França, em 1856

Mas aislados se encuentran, desunidos,
Esos pueblos nacidos para aliarse:
La unión es su deber, su ley amarse:
Igual origen tienen y misión;
La raza de la América latina,
Al frente tiene la sajona raza,
Enemiga mortal que ya amenaza
Su libertad destruir y su pendón (Feres Júnior, 2005 *apud* Porto-Gonçalves & Quental, 2012, p. 9).

Caicedo expressava em seu poema uma preocupação com a expansão estadunidense, um chamado à união ante o imperialismo estadunidense. Na versão francesa o conceito de América Latina estava além do discurso de combate anti-imperialista, estando fortemente articulado ao conceito de raça; enquanto, para justificar seu expansionismo, os EUA desqualificavam e inferiorizavam os latino-americanos. Assim, a divisão da América entre Latina e Anglo-Saxã está em grande medida relacionada às contradições dos ideais imperiais esquematizados pelas potências europeias sobre

as colônias em processo de independência e às resistências engendradas a partir da América que se autodenominaria Latina. Percebe-se que “[...]o conceito de América Latina é formulado e utilizado dentro da disputa de interesses geopolíticos mundiais em articulação com interesses locais.” (Porto-Gonçalves & Quental, 2012, p. 12).

Segundo Celso Furtado (2007), a expressão utilizada para designar os países localizados ao sul do Rio Grande possuía, por muito tempo, apenas um sentido espacial, não havia interesse no que havia em comum entre eles. Contudo, as nações que surgiram com a colonização ibérica procuravam definir suas personalidades nacionais que a distinguissem das outras. Desta forma, mesmo os países que tiveram colonização espanhola, o mesmo plano linguístico-cultural, possuem grandes diferenças entre si.

De acordo com Braudel (1948 *apud* Bruit, 2000) existem várias Américas Latina devido aos contrastes geográficos, políticos, culturais e econômicos da região. Assim, a ideia de latinidade impunha uma uniformidade incômoda. Bruit (2000) defende que o nome América Latina só se estabelece após a Grande Guerra, em 1948, com a fundação da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL). Mas, na década de 50, a expressão é intimamente ligada ao conceito de subdesenvolvimento.

Embora a colonização seja um elemento de semelhança entre a América portuguesa e a espanhola, visto que em ambos os povos originários foram dominados e subjugados, o modelo aplicado apresentava algumas diferenças e gerou limites geográficos culturais e políticos (Tancredi, 2016). A imposição de culturas próprias das metrópoles europeias era uma forma de negar as culturas preexistentes, fator contribuinte para o afastamento atual entre o Brasil e os demais países.

Vale destacar as contribuições étnicas que cada país recebeu de forma desigual, o que os distingue ainda mais. A contribuição da etnia africana é díspare pelo subcontinente, alguns países como o Haiti e o Caribe possuem uma maior contribuição dos povos africanos, além da costa brasileira. Enquanto em países como a Bolívia, a Guatemala, o México e o Peru, a contribuição indígena está mais presente. Assim, o plano linguístico-cultural é insuficiente para falar de uma homogeneidade (Ribeiro & Nepomuceno, 2010).

A colonização ibérica concomitantemente distancia e é o principal elemento na unificação entre o Brasil dos demais países latino-americanos, pois, segundo Tancredi (2016), o personalismo, a recusa do liberalismo, o ideal de uma sociedade baseada na integração, o patrimonialismo, a religião católica e idiomas semelhantes, marcas da sobrevivência de valores ibéricos, apontam uma identidade comum a todos os países latino-americanos.

Como mencionado, o conceito América Latina foi ganhando novos significados ao longo do tempo, ao abranger, culturas diversas em um espaço geográfico variado e com necessidades distintas.

Segundo Alain Rouquié:

Se a existência de uma América Latina é problemática, se a diversidade das sociedades e das economias se impõe, se a delimitação das diferentes nações é um dado básico de seu funcionamento, não deixa de ser verdade que uma relativa unidade de destino, mais sofrida que escolhida, aproxima “as repúblicas irmãs” (Rouquié, 1991 *apud* Dorella, 2010, p.2).

“As repúblicas irmãs” não está entre aspas por acaso, ser irmão não significa ser igual, nem mesmo os gêmeos univitelinos são iguais. Existem fissuras identitárias entre os países que compõem a América Latina. Mas, diante de tudo o que foi exposto, onde estaria a identidade latino-americana?

III. A construção de uma identidade latino-americana

A questão de identidade latino-americana ganhou uma maior abertura após os processos de independências coloniais e, mais atualmente, a partir de 1950. Simón Bolívar, em seu discurso em defesa da instalação de uma Assembleia Constituinte da república da Venezuela em São Tomé de Angostura, em fevereiro de 1819, afirma que devemos nos lembrar que

[...] nuestro pueblo no es el europeo, ni el americano del Norte, que más bien es un compuesto de África y de América, que una emanación de la Europa; [...] Es imposible asignar con propiedad a qué familia humana pertenecemos. La mayor parte del indígena se ha aniquilado, el europeo se ha mezclado con el americano y con el africano, y éste se ha mezclado con el indio y con el europeo. Nacidos todos del seno de una misma madre, nuestros padres, diferentes en origen y en sangre, son extranjeros, y todos difieren visiblemente en la epidermis; esta semejanza trae un reato de la mayor trascendencia (Bolívar, 1819, p.1).

Símon Bolívar mostra que somos um povo novo que possui sua própria identidade, advinda de uma formação particular. Então, para conter o imperialismo estrangeiro e nos fortalecermos é necessária a construção de identidade(s) latino-americana(s). No processo de construção das identidades o sentimento de pertencimento significa o não pertencer a *outro*. Não somos da Europa, não somos da África, não somos da América do Norte. Somos da América Latina.

Trabalha-se o conceito de identidade como um “sentimento de pertencimento”, da mesma forma que Pêrsio Oliveira (2001 *apud* Santos, 2011) considerou. O conceito de identidade não estará assumindo um sentido de idêntico, igual e permanente, é uma identidade cultural. Manuel Castell (2011, p.22) traz como definição de identidade que “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Castell ainda reforça o conceito trazendo as palavras do político e filósofo político, John Calhoun (1782-1850), para o qual não há um povo sem nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de diferenciação entre o eu e o outro, não seja estabelecida. O autoconhecimento nunca está completamente separado da necessidade de ser conhecido, de modo particular pelos outros. “[...] identidade e diferença são indissociáveis. Sem diferença não há identidade.” (Santos, 2011, p. 146).

O processo de construção da identidade latino-americana, como já citado, se deu em dois momentos especiais: nas lutas pelas independências das colônias e nos anos 1950, com a radicalização das transformações globais, fracasso do populismo e acirramento dos regimes ditatoriais na América Latina. Podemos também acrescentar o final do século XX e início do XXI, com a expansão das políticas neoliberais no globo e a entrada da China no comércio mundial. Momentos como esses, de crise, instabilidade e insegurança são, sem engano, preferenciais para o processo de nascimento, maturação e consolidação de identidades culturais. As identidades “[...] só surgem em período de instabilidade e ameaça interna e externa ao modo de vida tradicional” (Santos, 2011, p. 146).

Então, podemos afirmar que uma identidade é construída, não há uma natural. Santos (2011), classifica a noção de identidade em dois tipos: a identidade socialmente fechada, onde os indivíduos quando nascem já a encontram relativamente formadas, em que é muito difícil subvertê-las, e; a identidade socialmente aberta, na qual os indivíduos podem, de alguma forma, escolher partilhá-las, ou não.

Castañeda e Vieira (2009) percebem que existem duas conotações polêmicas para o conceito de identidade: a primeira é subjetiva, pois está associada a sentimentos, sensação de pertencimento, identificação, vontades; a outra é relativa à nação, à pátria. Ou seja, temos duas conotações distintas, não obstante com componentes de uma mesma totalidade: uma que destaca a subjetividade e a outra está vinculada à racionalidade. Procurando responder se existe uma identidade latino-americana, as autoras questionam se há inicialmente uma integração no interior de cada país. Para as autoras é importante atentar-se para as condições objetivas de cada país para que decorramos numa análise superficial que nos levaria a crer em uma integração incorreta.

Caldera (1991 *apud* Castañeda & Vieira, 2009) mostra a dificuldade que seria tomar a identidade apenas como integração, pois a desunião entre os países latino-americanos é proverbial, a luta pela identidade não é só um problema de identificar as raízes do passado, pois é sobretudo um problema futuro, é um desafio de sobrevivência de povos e culturas.

O filósofo mexicano, Leopoldo Zea, possuía uma ideia de integração intimamente ligada à ideia de identidade latino-americana, pois antes de uma integração econômica e política na região, seria necessária a afirmação de uma unidade cultural. Era necessário tomar consciência das similitudes por detrás das realidades históricas e culturais de cada país da América Latina. Essa tomada de consciência possibilitaria a construção de uma identidade e, conseqüentemente, a integração econômica e política. Sua proposta era criar uma produção de história das ideias por país até desenvolver uma produção de âmbito subcontinental. Segundo Zea (1989, p.1),

El día en que todos nuestros niños, jóvenes y adultos tengan conciencia de lo que tienen de común con el resto de los pueblos de la región, esse día la integración se dará por añadidura. Conciencia de lo común sin negación de lo peculiar y lo propio. Conciencia de que además de ser brasileño, mexicano, argentino, etcétera, se es latino-americano.

O autor defendia uma afirmação da identidade da diversidade, visto que buscava-se a convergência do elemento cultural comum a todos os latino-americanos, contudo, sem negar o que havia de específico de cada povo e país da América Latina. Vale ressaltar que quando discursava a favor da integração, Zea utilizava o discurso de Bolívar, mas incluía o Brasil. Símon Bolívar estava voltado para uma integração hispano-americana, excluindo o Brasil que teve uma colonização lusitana.

Mas, para Zea, tanto o Brasil quanto a América Hispânica possuíam uma origem e herança cultural comum, ademais tinham uma história de dependência, colonização e mestiçagem em comum. Propunha, desta forma, a união na igualdade da diversidade. A afirmação de uma identidade não seria viável enquanto a população latino-americana não se visse como iguais entre iguais, nem menos ou mais que os outros (Zea, 1985 *apud* Santos, 2012). A diversidade não é impedimento para a construção de uma identidade ou uma integração.

A formação de uma identidade pressupõe o reconhecimento da existência do outro e a aceitação de que o outro é diferente, no caso da América Latina este outro seria a Europa, a América do Norte, a África e a Ásia. As identidades culturais são constituídas pelos elementos culturais que diferenciam dois ou mais grupos. Sabemos quem somos à medida em que conseguimos perceber quem não somos, ou seja, quando não adotamos os mesmos elementos de identificação cultural que o outro adota. (Seixas, 2008).

De antemão, já temos um nome que nos identifique, o que é fundamental. Arturo Ardao (1912-2003), filósofo uruguaio, afirma que esta denominação não foi um ato romântico, foi, mais que isso, um episódio a mais no longo empenho dramático de nossa América em definir sua identidade por meio da definição do seu nome. Sucessivas gerações o vêm sentindo, de maneira subjetiva, mas sempre sob a precisão de se dar resposta aos desafios, à autonomia de sua personalidade comum à sua própria existência. “Não saber como se chamar é algo maior do que não saber como se é; é não saber quem se é” (Ardao, 1995, p. 21/22).

IV. O Brasil e identidade latino-americana

A evolução histórica do Brasil o distinguiu do restante dos países da América Latina. O isolamento do país tem como justificativas históricas a colonização portuguesa, a escravidão africana e seu processo de independência. Atualmente é grande o número de brasileiros que, mesmo sabendo que o Brasil faz parte, geograficamente, da América Latina, não se reconhecem enquanto latino-americanos. O projeto *The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy* (As Américas e o Mundo: Opinião Pública e Política Externa), coordenado pelo Centro de Investigação

e Docência em Economia (CIDE) do México, em colaboração com universidades da região¹, mostrou que apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos, contra uma média de 43% em outros seis países (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru). Quando questionados a que gentílicos e expressões com os quais mais se identificavam, 79% escolheu “brasileiro”, um elemento interessante neste quesito é que 13% se identificam mais com “cidadão do mundo”, enquanto apenas 4% como “latino-americano”. Entre os sete países entrevistados, o Brasil foi o único em que o adjetivo pátrio ficou entre as três opções principais dos entrevistados.

O distanciamento entre o Brasil e os países hispânicos remonta o período colonial, vem desde uma rivalidade entre a Espanha e Portugal que, na disputa pelo protagonismo europeu, disseminou seus embates nas suas colônias americanas. “As metrópoles ibéricas desenharam limites não apenas geográficos, mas também culturais e políticos que dividiram suas colônias e criaram interesses econômicos e sociais específicos para cada região” (Prado, 2001, p.128). No século XIX, a elite brasileira via os países de colonização europeia como um exemplo de violência política e barbárie (Carvalho, 1998 *apud* Dorella, 2010).

O processo de independência das colônias fortaleceu o estranhamento entre a América lusitana e a hispânica. No Brasil, o processo de independência tendo sido protagonizado pelo herdeiro do trono português, assim instaurou-se uma monarquia. A independência na América espanhola foi marcada por instabilidades, guerras contra a metrópole e, posteriormente, fragmentação territorial. Com a independência instauraram-se repúblicas nestes territórios. Algumas das imagens, ideias e representações discriminatórias do Brasil em relação à América espanhola foram fundamentadas também no período monárquico.

Em sua fase imperial, o Brasil negava uma identidade latino-americana, negando inclusive uma identidade americana. O Brasil era um Império e “[...] ainda que tropical e distante, se assemelharia mais às monarquias europeias e seria, assim, essencialmente distinto de seus vizinhos.” (Villafañe, 2014, p. 25). Seus vizinhos eram os países hispano-americanos, considerados como turbulentos e não-civilizados, e assim diferenciavam-se de uma monarquia brasileira civilizada e “europeia”.

¹ No Brasil foram aplicados 1.881 questionários, pelo Instituto de Relações Internacionais da USP (Universidade de São Paulo).

Villafañe (2014) na tentativa de entender esse distanciamento volta ao conceito de América. Um conceito resultado de um processo histórico vivido pelas sociedades habitantes dessa região e de como o continente foi visto pelo “outro” (Europa). Assim, a simples existência geográfica do continente não implicaria em uma identidade de caráter político ou social. É importante ressaltar que as próprias repúblicas hispânicas do subcontinente propuseram uma identidade que excluía o Brasil, “[...] idealizavam uma confederação de repúblicas hispano-americanas que formaria uma ‘única nação’ que seguiria a mesma política contra o inimigo europeu” (Bethell, 2009). Simón Bolívar, em dezembro de 1824, realizou um Congresso no Panamá com os países da América Latina, excluindo dos seus convidados o Brasil. Segundo Bolívar, o Brasil não se encaixava neste grupo, as justificativas para a exclusão envolviam a diferença não apenas no idioma, na cultura e na história, mas também a economia, a diferença entre os regimes políticos (monarquia vs república), o escravismo e a sua proximidade com a Europa.

A construção de uma identidade nacional brasileira fez-se em oposição ao conceito de América promulgado pelas repúblicas vizinhas que, ao romperem com a metrópole espanhola, contestavam a superioridade europeia. O modo de vida similar, que os diferenciavam dos europeus, seria o elemento de união dos países, um caráter americano simbolizando o rompimento com colonialismo que só não foi aderido pelo Brasil. Segundo Villafañe (2014), o Brasil conservou o princípio dinástico como forma de legitimação e os demais países seriam de uma realidade irreconciliável.

No segundo reinado, o Brasil, um país de proporções continentais, não mudou de postura e, enquanto as repúblicas hispano-americanas protegiam-se das potências europeias e dos EUA, buscou estreitar relações políticas e econômicas com os países desenvolvidos, voltando-se de costa para os demais países da América Latina. Este posicionamento não mudou muito nos dias atuais. Retornando à pesquisa realizada pelo CIDE, quando questionado em qual região do mundo seu país deve prestar mais atenção, o Brasil foi o único dos países entrevistados a não priorizar a América Latina.

No período republicano brasileiro não houve grandes mudanças em relação ao interesse nos países americanos de língua espanhola. Nesta época a cultura latino-americana era desvalorizada pela

elite brasileira (Tancredi, 2016), que buscava uma aproximação com a cultura europeia. Os brasileiros consideravam que haviam dois grandes países no hemisfério ocidental: o Brasil e os Estados Unidos. Ambos possuíam territórios de proporções continentais, abundância em recursos naturais e elevado potencial econômico e, principalmente, ambos se distinguiam da América espanhola ou latina (Bethell, 2009). E era daquele país que o Brasil queria ficar mais próximo. Do lado hispânico da América, manifestações buscavam alicerçar identidades nas raízes culturais espanholas e valorizando a herança colonial (Prado, 2011).

No século XX esta situação começa a se modificar devido principalmente à crise de 1929; as duas grandes guerras mundiais; a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Estes fatores contribuíram para a criação de projetos que buscavam aproximar os países da América Latina e, dentre ele, o Brasil. Desde os anos de 1990, os documentos oficiais estadunidenses se referem aos países ao sul do Rio Grande, incluindo o Brasil como “*Latin America*”. Mas, isto não significa que os brasileiros tenham o sentimento de pertencimento à América Latina. Pode-se considerar que há uma aceitação de que fazemos parte deste subcontinente.

Silvio Julio de Albuquerque Lima (1895-1984), um dos primeiros acadêmicos brasileiros a se dedicar a estudos sobre a América Hispânica conclui que:

A América Espanhola é católica. O Brasil é católico. A América Espanhola e ibérica. O Brasil é ibérico. A América espanhola é de cultura latina. O Brasil é de cultura latina. A América Espanhola e o Brasil estão no mesmo sentido do hemisfério ocidental e no mesmo continente. A América Espanhola e o Brasil adotam a república e a democracia. A América Espanhola fala castelhano e Brasil fala o português, dois idiomas quase iguais e que se entendem naturalmente por quem os ouve e os usa todos os dias, sem necessidade de prévio estudo. [...] Nas Américas Espanhola e Portuguesa os fatores unitivos estão em maioria e, além disso, favorecem a civilização de todos os países continentais (Julio, 1944 *apud* Dorella, 2010, p.12).

A falta de um sentimento de pertença à América Latina nos brasileiro está historicamente enraizado, mas uma atual aproximação econômica e política podem facilitar sua construção. Como Julio apresenta, as similitudes entre a América portuguesa e a espanhola são maiores que as diferenças. Ademais, a Constituição brasileira de 1988 estabeleceu que “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina,

visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações” (BRASIL, 1988). Só falta ao povo brasileiro conhecer a região da qual pertence, não só geograficamente, mas identitariamente.

V. Considerações finais

Tendo em vista os aspectos observados conclui-se a designação do território “descoberto” pelos países ibéricos como América foi uma forma de silenciar os povos e culturas preexistentes. A incorporação do termo Latina não teve a intenção de criar uma identidade entre os países, mas, dentro de um cenário de disputa geopolítica, delimitar as fronteiras entre anglo-saxões e latinos. Mas, a evidente unidade geográfica não era garantia de uma “irmandade” entre os países membros desse subcontinente.

A identidade latino-americana precisa ser construída, é necessário entender que não pertencemos a América do Norte, nem a Europa, nem qualquer outro lugar. Somos da América Latina. Entretanto, este sentimento de pertencimento encontrou barreiras na sociedade brasileira. Este estranhamento brasileiro à identidade latino-americana tem suas raízes fincadas na história da região desde seu período colonial, desde sua formação política e social.

A rivalidade entre as metrópoles influenciou o distanciamento entre o Brasil e os países hispano-americanos, a adoção da monarquia e aproximação com a Europa, na fase de independência, fez com que o Brasil se torna-se um país a parte do subcontinente. Para as repúblicas latino americanas era inaceitável o não rompimento com a velha ordem, enquanto para a monarquia brasileira considerava como não-civilizado o posicionamento dos demais.

Contudo, o povo brasileiro precisa entender que as semelhanças entre o Brasil e a América Hispânica são mais fortes que as dissemelhanças. Que a união e o reconhecimento de uma identidade não nega a identidade individual de cada um, que uma aproximação entre as nações as fortalecerá e, não necessariamente, incorrerá no fim das relações com os países desenvolvidos. O Brasil almeja uma posição de destaque dentro sistema internacional, mas para tal é necessário passar pela construção de laços e inserir-se no âmbito latino-americano.

Referências Bibliográficas

- Ardao, A. (1995). La idea de la Magna Colombia en Miranda y Hostos. In: ZEA, Leopoldo (Comp.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Tomo I. México: Fondo de Cultura Económica. p. 33-49.
- Bethell, L. (2009). O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321.
- Bolívar, S. (1819). Discurso de Simón Bolívar ante el Congreso de Angostura. Disponível em: <http://www.venelogia.com/uploads/PDF/discurso-de-angostura.pdf>.
- Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico. 292 p.
- Bruit, H. (2000). A Invenção da América Latina. *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*. Belo Horizonte.
- Castañeda, E. C. & Vieira, V. L. (2009). Identidade latino-americana: dualismo ou integração. In: VI Jornadas Latinoamericanas de Historia de las Relaciones Internacionales: “Regiones y Naciones. Las Relaciones Internacionales en el Espacio Latinoamericano y en el Mundo”. Universidad Católica de Santiago del Estero. Argentina.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Dorella, P. (2010). Obstáculos à Constituição de uma Identidade Latino-Americana no Brasil, em Sílvio Júlio de Albuquerque Lima. *Escritas*, Palmas, vol. 2.
- Dussel, E. (1993). 1492: o encobrimento do outro. A origem do mito da modernidade. Conferência de Frankfurt/Enrique Dussel, tradução: Jaime A. Clasen - Petrópolis, RJ: Vozes.
- Guimarães, T. (2011). Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa, BBC Brasil. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg.
- Farret, R. & Pinto, S. (2011). América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, v. 12, n. 23, p. 30-42.
- Porto-Gonçalves, C. W. & Quental, P. de A. (2012). Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. *Revista Polis*, n. 31, p. 1-28.
- Prado, M. L. (2001). O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*. n.145, p. 127-149.
- Ribeiro, D. & Nepomuceno, E. (2010). A América Latina existe?. Ed. UnB.

Rocha, B. L. (2015). A Nova Direita Brasileira Odeia a América Latina, en Democracia Política. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546693-a-nova-direita-brasileira-odeia-a-america-latina>.

Santos, L. dos (2011). As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. *Revista Rascunhos Culturais*. Coxim/MS, v.2, n.4, p. 141-157.

Santos, L. dos (2012). O Brasil como parte da América Latina: o projeto identitário-integracionista de Leopoldo Zea. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v.4, n.2.

Seixas, R. (2008). Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica. *Cadernos PROLAM/USP*, ano 8, v.1, p. 93 – 120.

Tancredi, L. (2016). A dificuldade de incorporação da sociedade brasileira a uma identidade latino-americana. *Revista Contexto Internacional*. n.41, p. 12-19.

Villafañe, L. C. S. (2014). A América do Sul no Discurso Diplomático Brasileiro. *Funag*, Brasília.

Zea, L. (1989). El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio. *Cuadernos Americanos*. n. 15. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 29 jun. 2016.